

PERCEPÇÕES E JULGAMENTOS ESTÉTICOS DA SALA DE AULA

Data de aceite: 03/07/2023

Marcia Meira Berti Fiorin

Universidade Estadual do Oeste do
Parana – UNIOESTE
Campo Mourão - PR
Orcid 0000-0002-8692-9464
<https://lattes.cnpq.br/1427778513551707>

Silvana Ferreira Pinheiro e Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Santa Catarina – IFSC
Florianópolis - SC
Orcid 0000-0001-5964-2348
<http://lattes.cnpq.br/5305189055515398>

RESUMO: A partir das categorias estéticas, buscou-se compreender como as condições ambientais da sala de aula interferem no processo ensino e aprendizagem. Foram realizadas entrevistas em profundidade com professores e discentes do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Federal de Santa Catarina. A análise interpretativa desvelou diferentes percepções da sala de aula, resultando um mosaico de sentimentos que, junto com a materialidade específica feita da corporeidade das pessoas e dos artefatos compõem a atmosfera da organização, a qual pode ser associada com uma

percepção de incompletude do processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa revela ainda que a sala de aula ideal não necessita de sofisticação, mas um espaço que possibilite a flexibilidade de atuação, em uma perspectiva dialógica.

PALAVRAS-CHAVE: Categorias Estéticas. Julgamento Estético. Compreensão empática. Sala de aula. Processo ensino-aprendizagem.

PERCEPTIONS AND AESTHETIC JUDGMENTS OF THE CLASSROOM

ABSTRACT: From the aesthetic categories, we sought to understand how the environmental conditions of the classroom interfere in the teaching and learning process. In-depth interviews were conducted with professors and students of the Graduate Program in Administration at the Federal University of Santa Catarina. The interpretive analysis revealed different perceptions of the classroom, resulting in a mosaic of feelings that, together with the specific materiality made from the corporeality of people and artifacts, make up the atmosphere of the organization, which can be associated with a perception of incompleteness in the learning process.

teaching-learning. The research also reveals that the ideal classroom does not need sophistication, but a space that allows the flexibility of action, in a dialogic perspective.

KEYWORDS: Aesthetic Categories. Aesthetic Judgment. Empathic understanding. Classroom. Teaching-learning process.

1 | INTRODUÇÃO

Eça de Queiroz, há mais de um século afirmou que *“nada torna o estudo tão penoso como a fealdade da aula”* (Uma Campanha Alegre ‘das Farpas’, 1891). Naquela época, as salas em geral eram pequenas, e carteiras dispostas em fileiras para possibilitar o controle do professor sobre os alunos (ARRIADA; NOGUEIRA; VAHL, 2012). Embora várias mudanças tecnológicas ocorreram no último século, a configuração da sala de aula pouco foi alterada, sendo ainda o local predominante das ações de ensino e aprendizagem em todos os níveis escolares. Por ser um espaço no qual são realizadas as atividades da instituição de ensino, configura-se também como um campo de pesquisa.

Assim, definimos como objetivo desta pesquisa: compreender, sob a ótica da abordagem estética, como as condições ambientais da sala de aula suscitam sentimentos diversos que interferem no processo de ensino-aprendizagem. A compreensão estética estuda como indivíduos e grupos atuam nas organizações, observando seus sentimentos, desejos, gostos, talentos e paixões. Para tanto, examina nas organizações fatores relacionados ao estilo de trabalho, estilo de liderança, forma de relacionamentos com os outros no local de trabalho, a aparência e características desses locais de trabalho, os artefatos produzidos pela organização e os elementos simbólicos da organização (STRATI, 2010). O estudo foi realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, especificamente no curso de Pós-Graduação em Administração, buscando responder a questão de pesquisa: como os sentimentos relacionados ao ambiente físico e organizacional da sala de aula interferem no processo de ensino-aprendizagem?

O artigo é apresentado em cinco partes, incluindo esta introdução, seguida do referencial teórico, voltado à compreensão da abordagem estética; a terceira seção abrange o percurso metodológico da pesquisa, na quarta seção são apresentados os elementos empíricos que são confrontados com o referencial teórico, e por fim a conclusão.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O processo ensino-aprendizagem

As teorias de aprendizagem são teorias psicológicas que buscam explicar a forma como o sujeito aprende e se desenvolve, e são consideradas de acordo com três características: primado do sujeito, primado do objeto e interação sujeito-objeto. As teorias pedagógicas que explicam a aprendizagem consideram “o ‘sujeito’ que aprende, o ‘objeto’

e a ‘mediação’ entre o sujeito e o objeto, realizada no convívio em sociedade”, e esses elementos fundamentam as principais correntes epistemológicas da aprendizagem: (i) ambientalista, (ii) inatista e (iii) interacionista (LIMA, 2017, p. 422), e que são traduzidas em práticas pedagógicas, entre as quais a inatista, ambientalista e interacionista.

Na abordagem inatista, inspirada no racionalismo, as capacidades básicas de cada ser humano são inatas, e desse modo, conforme Neves e Damiani (2006) as interações socioculturais não influenciam a formação das estruturas comportamentais e cognitivas, e por isso valoriza o “sujeito”, sendo a aprendizagem atribuída a fatores hereditários e maturacionais de cada pessoa (LIMA, 2017). Já na abordagem ambientalista (empirista) as características individuais são determinadas por fatores externos ao indivíduo, e desse modo a aprendizagem é definida como uma mudança de comportamento que resulta da experiência ou de treinamento (NEVES; DAMIANI, 2006), por isso o foco é o “objeto”, representado pelos conteúdos a serem conhecidos (LIMA, 2017).

O interacionismo, representado por Piaget, se opõe a essas duas teorias afirmando que o meio físico e o social são importantes na construção do conhecimento do sujeito. Assim, o conhecimento não vem apenas da experiência ou de elementos inatos, mas da relação sujeito *versus* objeto, de forma solidária. Para essa teoria, tanto os fatores hereditários quanto os conteúdos, a cultura e a sociedade interagem na aprendizagem (LIMA, 2017).

Segundo Lima (2017), ainda no século XX surgiu a concepção construtivista, que apresenta características do enfoque sociocultural de Lev Vygotsky, da teoria genética de Jean Piaget, da aprendizagem significativa de David Ausubel, e dessa maneira, integra princípios explicativos sobre a natureza social e a função socializadora da escola, o papel do professor e dos conteúdos (LIMA, 2017). Para Vygotsky, em uma concepção interacionista/construtivista, o homem é um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais (NEVES; DAMIANI, 2006), e desse modo, também a cultura organizacional age nos indivíduos. Além das significações, os interesses, as motivações e as experiências pessoais também complementam a formação do reflexo psíquico (PALANGANA, 2001).

2.2 Conhecimento estético

O conceito de estética abordada e discutida nas teorias organizacionais é “o ato de perceber ou sentir o *pathos* dos artefatos materiais e não materiais de uma organização, percebendo a beleza da organização, apreciando a grandiosidade de certas práticas organizacionais, sentindo repugnância por certos cursos da ação organizacional” (STRATI, 2014a, p. 21). Desse modo, a compreensão estética do trabalho e da vida organizacional estuda como indivíduos e grupos atuam nas organizações, observando seus sentimentos, desejos, gostos, talentos e paixões. Para tanto, examina nas organizações fatores relacionados ao estilo de trabalho, estilo de liderança, forma de relacionamentos com os

outros no local de trabalho, a aparência e características desses locais de trabalho, os artefatos produzidos pela organização e os elementos simbólicos da organização (STRATI, 2010).

As pesquisas e estudos sobre a dimensão estética da vida organizacional destacam a materialidade da rotina diária nas organizações, observando a relação entre ambas. Essa materialidade é composta de artefatos aos quais a forma estética é dada mesmo quando são impalpáveis e que os torna, de acordo com nosso gosto, feio ou bonito ou *kitsch* (STRATI, 2010). A partir desses aspectos estéticos, Strati (2007) apresenta nove categorias estéticas que podem ser exploradas para compreender a vida organizacional: o belo, o sagrado, o pitoresco, o trágico, o feio, o agógico, o cômico, o sublime e o gracioso, que são demonstradas a seguir:

- **Belo** - explora os artefatos utilizados e o trabalho realizado. É uma categoria importante para a compreensão das organizações porque explora os laços que unem as pessoas às organizações, e expõe a forma de estruturação organizacional e a dinâmica do conflito, relacionado com a definição de beleza tanto dentro quanto fora das organizações.
- **Sagrado** - está ligado a tudo que não se relaciona com a racionalidade, isto é, está ligado à capacidade de sentir e se emocionar na vida organizacional, de poder ir além do pensar. O sagrado evidencia que a fronteira entre realidade e ficção é tênue, ao ponto de não ser possível distinguir claramente esses aspectos.
- **Pitoresco** - assim como na arte, onde o pitoresco se refere às impressões subjetivas provocadas pela contemplação de uma obra paisagística, nas organizações essa categoria está ligada à descrição de coisas vívidas e coloridas, agradavelmente informais e irregulares, que provocam emoções estéticas.
- **Trágico** - diz respeito ao prazer misterioso composto pelo sofrimento e sua representação. Esse contexto abraça tudo que é tido como heroico dentro das organizações, salientando as paixões no dia a dia organizacional, tanto paixões individuais como coletivas, que causam conflitos e libertação.
- **Feio** - realça tudo que é chocante, monstruoso, desagradável e repugnante na organização. Dentro dessa categoria, celebra-se o *kitsch*. Nascido com a industrialização e a urbanização, o *kitsch* manifesta-se como uma representação da alienação da organização, onde a mediocridade e o mau gosto, a banalidade e a artificialidade existem.
- **Agógico** - versa a respeito do ritmo das atividades dentro da organização, do modo como ela interage com as outras organizações e com a sociedade. O ritmo apresenta-se como imprescindível para a condução dos processos e fluxos de trabalho, bem como as tomadas de decisão dentro da empresa.
- **Cômico** - expõe o grotesco da vida organizacional mais irônico, engraçado e sarcástico. Assim sendo, o cômico reside nas piadas sobre os eventos do dia

a dia, ou mesmo sobre as outras organizações, nos gracejos entre colegas de trabalho, nos sarcasmos sobre o profissionalismo de mulheres ou pessoa menos habilidosas.

- **Sublime** - é a que se encontra mais próxima da categoria do belo, pois ambas são reconhecidas pelo prazer que geram, e na vida organizacional, ela está relacionada com o *pathos* do sentimento estético evidenciado pelo êxtase com que alguém descreve a beleza do trabalho que exerce ou da organização à qual pertence, ou ainda a beleza que não faz parte do seu trabalho ou organização.
- **Gracioso** - diz respeito à qualidade de vida dentro da organização. Encontrase representada na elegância do comportamento organizacional, do ambiente de trabalho ou mesmo seus produtos e serviços ofertados. Está intimamente ligada ao prazer visual e auditivo provocado pelas pessoas e pelos artefatos organizacionais, colocando em evidência seu charme e sua atratividade.

Conforme Strati (2007), essas categorias não exaurem nela mesma todo o conhecimento de um determinado contexto organizacional, pois nenhuma delas em separado produz uma compreensão completa da organização investigada. Ainda, para compreender a estética nas organizações deve-se levar em conta os elementos não-humanos, pois estes, junto com os humanos constituem o sujeito da ação organizacional (STRATI, 2007).

3 | METODOLOGIA

Para atender o objetivo deste estudo, optou-se por uma estratégia de pesquisa com entrevistas em profundidade realizada com seis participantes do Curso de Pós-Graduação em Administração (PPGA), da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo três docentes e três discentes. O tipo de entrevista utilizada na pesquisa corresponde à entrevista qualitativa baseada em roteiro, na acepção de Godoi e Mattos (2006), sendo que, além do roteiro com tópicos norteadores, utilizou-se da flexibilidade de formular perguntas e abordar temas que surgissem a partir das reflexões com os docentes e discentes entrevistados. O roteiro de entrevista foi baseado em questões resultantes do marco teórico revisado.

As entrevistas, realizadas no mês de junho de 2017, foram gravadas, perfazendo um total de aproximadamente 5 horas de gravação, e posteriormente foram transcritas literalmente para análise, estando os entrevistados cientes do procedimento. A fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa os mesmos foram identificados pelas seguintes denominações: Docente 1 (DO1), Docente 2 (DO2), Docente 3 (DO3), Discente 1 (DI1), Discente 2 (DI2) e Discente 3 (DI3), sendo que os números representam a sequência em que foram realizadas as entrevistas.

Após a transcrição das entrevistas, as mesmas foram analisadas de modo interpretativo, que, segundo Gomes (2015), a análise e interpretação dentro de uma perspectiva qualitativa tem como propósito explorar o conjunto de opiniões e representações

sociais sobre o tema investigado. Como a dimensão sociocultural das opiniões de um grupo com as mesmas características costumam ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam singularidades de cada entrevistado, deve-se considerar que sempre haverá diversidade de opiniões e crenças, para tanto, na análise qualitativa deve-se “caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social” (GOMES, 2015, p. 80), para tanto, na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas e, por último, na interpretação buscam-se os sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação. Desse modo, a interpretação, na pesquisa qualitativa, assume um foco central (GOMES, 2015). No tópico seguinte, apresenta-se esses dados, bem como a análise.

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os roteiros para as entrevistas foram elaborados com vistas a atender o objetivo de compreender como as condições ambientais da sala de aula suscitam sentimentos diversos que interferem no processo ensino-aprendizagem, e de que forma esses sentimentos interferem nas suas atividades, sendo as respostas analisadas a partir da abordagem estética.

4.1 Desvelando as categorias estéticas

Ao serem questionados sobre a configuração das salas de aula constatamos que para os discentes e os docentes, a sala de aula da pós-graduação é uma sala de aula normal, muito parecida com a dos outros níveis escolares. Embora o nível de pós-graduação *stricto sensu* seja o mais alto nível de formação, a significação da sala de aula é um espaço igual ao dos demais níveis, e por isso não causa estranhamento, visto que são projetadas da mesma maneira, como observado por um docente:

Até hoje a gente utiliza coisas, formas de organização física em sala de aula da época do início da universidade da era medieval, então alunos perfilados professores lá na frente e aula expositiva (DO3).

Contudo, a disposição das carteiras em círculo é percebida como algo que modifica o padrão por possibilitar mais integração entre o grupo:

A discussão decorre de uma forma melhor diferente daquelas que são cadeiras uma atrás da outra e aquela estrutura de professor ensinando aluno...mas assim não pode ser um estrutura rígida sem modificações, sem você poder modificar ela ... deixar flexível, uma dia ela é uma discussão, outro dia é uma apresentação, seminário, então é muito dinâmico, não algo é estático (DI3)

A disposição das cadeiras em forma circular promove uma aproximação entre o professor e os alunos, uma vez que ele se insere no grupo. Contudo, ao mesmo tempo que a configuração circular pode favorecer o processo de ensino-aprendizagem, por outro

lado, dependendo da condução da aula pode gerar desconforto, sinalizando o sentimento da obrigação em participar da aula:

Em algumas situações esse espaço favorece a você participar, parece que você faz parte do conjunto. Mas em algumas situações é um pouco mais constrangedor, porque daí você se sente na obrigação de participar, depende também da forma de condução". (DI2)

Além da configuração do espaço, fatores como a iluminação, a acústica, climatização, equipamentos e mobiliário são descritos como importantes para a realização das atividades em sala de aula, mas a situação atual foi criticada tanto por discentes quanto pelos docentes:

Pelo estrutural eu acho que deixa bastante a desejar, por ser uma faculdade pública. O projetor muitas vezes não funciona, quadro às vezes não tem canetão, mesmo o conforto das cadeira, a gente tem umas cadeiras complicadas que começam a ranger a cada respirada que tu dá (DI1)

A cadeira cabe mais ou menos o tamanho de um caderno... para um notebook e um caderno já não dá... o caderno tem que ir pro colo... [...] A gente não quer exigir conforto, mas né assim ... as cadeiras são desconfortáveis... [...] Aquelas salas do novo bloco, o bloco F né, elas são... é... até os professores reclamam que tudo que você fala... fica complicado porque uma sala escuta a outra. (DI3)

Porque elas são muito, muito ruins, feias, as coisas ali, os materiais, todos os não humanos tão deteriorados, e cada dia que passa se deteriorando mais. (DO2)

São bem ruins, são bem feios... não é nada atraente vamos dizer assim [...] A climatização é ruim... o ar condicionado sempre tá com problema, o datashow tá com problema há séculos... Porque às vezes tu vem com um expectativa pra dar uma aula legal com vídeo, daí não dá pra botar um vídeo, a tela fica rosa, tu tem que fica segurando o trôço... (DO3)

Ao revelar suas percepções os entrevistados usaram de maneira enfática três adjetivos: ruim, feio e desconfortável. Esses atributos devem-se a má funcionalidade dos equipamentos, porque que não correspondem com a sua utilidade, no caso do *datashow*, o quadro/lousa ou ar condicionado, ou porque não atendem às necessidades ergonômicas e acústica. A acústica aparece como elemento que causa desconforto: “uma sala escuta a outra” (DI3). Isso porque o material das paredes não faz o isolamento dos ruídos, dificultando o andamento da aula. Aqui a “fealdade da aula” deve-se à relação dos humanos com os não-humanos, na qual a estrutura física da sala de aula dificulta a realização das atividades. Essas percepções correspondem a categoria estética do feio, pois enfatizam tudo que é horrível, desagradável, e repugnante na organização (STRATI, 2007). Assim, tanto a sala em si, como a disposição ou funcionalidade dos equipamentos pode gerar sentimentos desagradáveis, e por isso são vistas como feias ou grotescas.

Além das salas de aula, a estrutura para a permanência foi citada como importante para o processo de ensino-aprendizagem. Como vários alunos permanecem boa parte do dia nas dependências da universidade, os ambientes voltados ao estudo, pesquisa,

compartilhamento e convivência, são percebidos como uma privação:

É cansativo passar um dia inteiro, às vezes se torna um pouco desconfortável pela estrutura que a gente tem aqui. [...] tu já vem cansada, do trânsito, do deslocamento, daí tu acaba limitando bastante, é a mesma questão que a gente percebe de infraestrutura fora de sala aula, tipo banheiro, as vezes tá complicado, bebedouros, não tem disponível. A questão de cantina, agora colocaram uma, mas também acaba gerando uma necessidade de deslocamento (D11).

[...] porque num doutorado principalmente, a aula é um momento, ela faz parte. [...] E o doutorando exige, precisa ...o trabalho que ele faz precisa de ter os espaços adequados ...no mínimo espaços coletivos de estudo, trabalho, com todos os equipamentos e demais itens de conforto para que o estudante chegue ali e fique horas a fio. (D02)

A perspectiva de que “a aula é um momento, ela faz parte” sinaliza a importância de que “o fazer” do doutorado envolve também espaços individuais e coletivos, onde o aluno possa estudar, elaborar seus trabalhos, participar de grupos de estudo, bem como interagir com os demais colegas, como citado nas falas:

Eu acredito que a participação em grupo e essa vivência, viver mais a universidade, eu acredito que tenha uma contribuição grande, que eu sinto falta. (D11)

Sentimentos de estar meio abandonado, mas por outro lado também uma sensação de que muita coisa pode ser feita ...não me sinto... assim... muito parte integrante aqui da UFSC ... não sei porque... acho eu sinto um distanciamento assim em relação a aluno, professor. (D12)

Pós-graduação stricto sensu, pra mim, é algo muito especial, é o último nível de formação que nós temos em nossa sociedade da educação formal [...] Ali a universidade tem por obrigação ofertar o que há de melhor em todos os sentidos, o que ela pode dar de melhor...incluindo os espaços. [...] Pra mim é um fator de depressão profissional. Se eu usar aquilo um semestre inteiro você pode ter certeza que eu não vou ter a mesma satisfação de dar aula, porque eu acho que a gente tá fazendo ali e vocês alunos não merecem isso. Não há espaço e não pode ser assim. Doutorado não é sala de aula. [...] Um sentimento assim de que a gente não devia estar aqui, esse momento aqui não é o nosso diário...há um descompasso grande entre o que a gente veio fazer aqui e o que é o lugar... um descompasso total...total. (D02)

Essas revelações denotam a ausência do gracioso, categoria estética que diz respeito à qualidade da vida organizacional (STRATI, 2007). A privação do espaço coletivo torna o estudo mais penoso, pois além de atender suas necessidades de estudo e necessidades fisiológicas, é nesses locais onde os indivíduos estabelecem relações com outros indivíduos, onde se engajam ativamente (GHERARDI, 2014). Cabe destacar que os sentimentos negativos desvelados pelos docentes referem-se tão somente às salas de aula e aos equipamentos/artefatos, pois, quanto ao exercício da docência afirmam que sentem satisfação e realização com o trabalho em si, como pode ser observado nos seguintes trechos:

Sentimento na pós ... eu diria assim, uma satisfação enorme. Vou curtindo desde que eu acordo... Um sentimento de satisfação... de realização, de reciprocidade...porque eu sei que há uma expectativa também da minha chegada em sala de aula. (DO2)

É... pelo fato de eu gostar muito de dar aula, de estar dando aula, embora tenha todos os problemas, é... o fato de estar fazendo aquilo é ... consegue deixar...por exemplo quando eu falei da pós, eu chego a ficar irritado, mas logo a irritação vai embora porque eu to começando a dar aula. (DO3)

É um sentimento de realização... eu to na sala de aula eu to no topo..., é a autorrealização... é um momento que eu posso estar péssimo, num dia péssimo eu entro na sala de aula tudo vai embora e eu saio geralmente melhor, dificilmente eu saio pior. (DO1)

Essas afirmações denotam que a docência promove satisfação: “*uma satisfação enorme*”, “*eu gosto muito de dar aula*”, “*é um sentimento de realização*”. Essa realização pessoal está relacionada com a categoria estética do sublime, a qual diz respeito ao *pathos*, e o sublime é a alegria que enche a alma (STRATI, 2007). A satisfação pelo trabalho revela o belo, e esta categoria se refere ao trabalho em si, proporcionada pelos momentos de ensino.

Questionamos os docentes com a intenção de compreender como a estrutura física interfere no processo de ensino-aprendizagem, e as respostas denotam que esta influencia na motivação para desenvolver as atividades de ensino e na sensação de bem-estar:

Eu acho que afeta, com certeza afeta,.... porque estrutura ela vai influenciar nas tuas próprias ideias... que eu posso fazer com essa estrutura, a partir do momento que tu olha pra uma estrutura tu não pensa em ir além, como eu posso fazer alguma coisa diferente com isso?(DO3)

Eu diria que é mais do que cinquenta por cento, no esforço global de ensino aprendido...no nível que vocês estão, no doutorado....Você pode ter professores extraordinários, todos assim muito bons, você pode ter assim... um avanço em termos de conhecimento ali girando na instituição, também assim muito respeitáveis, mas se você não tiver a infraestrutura, os não-humanos bem compatíveis com o que está dentro da cabeça das pessoas, ... tá faltando mais que cinquenta por cento do ensino-aprendizagem. (DO2)

Após ouvir essas afirmações, questionamos qual a sala de aula ideal? e eles responderam:

Ah acho que a gente não precisa de muito assim sabe... é forma como é a disposição da sala um ambiente ... é bem iluminado... com uma condição de clima bom [...] é primeira necessidade, tem que ser confortável... acho que mais dinâmica... flexível ... a sala de aula tem que ser um ambiente que facilite a troca de informações (D13)

[...] tipo um anfiteatro não com aquela montoeira de gente, mas em forma curva... é com mais espaço entre elas que a gente pudesse movimentar entre elas... andar entre elas... é... clara... paredes branca... [...] Eu não quero nada muito luxuoso, sofisticado. Eu quero um lugar digno pra gente trabalhar (DO3)

A casa da minha avó era uma casa simples... só pra vocês terem uma ideia... a toalha de mesa... eu me lembro... era com tecido mais simples... mas era limpo, branco, sabe tudo organizadinho...então eu digo não precisa ser nada rico pra gente ser tem que ter qualidade nas informações, então a nossa sala podia ser simples (DO1)

As respostas descrevem a sala de aula ideal deve favorecer a interação e a liberdade de movimentação, e essa sala de aula idealizada não precisa ser luxuosa, mas deve proporcionar no mínimo o atendimento às demandas de ensino para a pós-graduação.

Solicitamos ainda que fizessem um exercício imaginativo tendo por foco possíveis associações com a sala de aula atual, e questionamos: remete a algum cheiro? Textura? Som ou música? Cenário? As respostas trouxeram uma diversidade de percepções e signos que demonstram mais sensações negativas do que positivas:

Não é alguma coisa que você chega e tem vontade de ficar (rss). [...] ... eu ia dizer que tem cheiro de mofo...(DI1)

Sem cheiro [risos] não sei acho que não sinto. Acho que é indiferente... me sinto meio indiferente...não sei... como eu falei, talvez é... eu acho tudo muito assim, muito distante, é muito frio.. [...] áspera! Ou fria... [qual material?] Um azulejo. (DI2)

Quarta-feira de cinzas... em Salvador. No caso do carnaval, tudo que era bom passou...e ficam os dejetos...aquilo que ninguém quer, e ninguém quer ir ali, enquanto a limpeza pública vem e deixa a cidade novamente em alta... ninguém vai ali...e se você tá passando por determinadas ruas, e vem a limpeza pública, você, se puder você sai e deixa eles fazerem o trabalho deles. (DO2)

É áspero, ruim. (DO1)

É aquela coisa rugosa, bem gelada, de você tocar e não querer por a mão de novo, pior do que o quente, a sensação que me dá é algo assim extremamente gelado... ah, aquelas barras de gelo, que o cara pega com garras e põe nos grandes frigoríficos... mas uma câmara frigorífica é algo pra mim inóspito, inóspito... se a gente puder colocar um adjetivo naquela sala ali me dá uma sensação de algo inóspito. (DO2)

Um som, som ruim, assim, é isso som ruim assim, é um ambiente desagradável. (DO1)

Como é que chama agora aquele ritmo moderno, sofrência (rss). (DI1)

Eu gosto de relacionar com a música... como se a gente fosse artista, tem a música do Chico e do Edu Lobo que o nome é Na Carreira, eu acho é... tem tudo a ver com a nossa, com o nosso fazer, pelo menos com o meu fazer. (DO3)

Essas percepções revelam descontentamentos, pois as texturas utilizadas para representar a sala de aula foram o áspero (rípido) e rugoso, cheiro de mofo (coisa velha) e até mesmo sem cheiro (indiferente, distante). Quanto ao som, relacionaram com um som ruim e um estilo musical que não apreciam (ambiente desagradável). O ritmo moderno “sofrência” denota um sentimento de que não se está bem, que sofreu alguma

decepção. Foram citados materiais como azulejo e barra de gelo. Esses materiais são frios, e representam a sensação de lugar que não é aconchegante, ou até inóspito, onde ninguém quer ficar.

A referência ao contexto da quarta-feira de cinzas em Salvador é emblemática nessas falas. Por ser o dia seguinte à folia de carnaval, e as ruas ainda estão repletas de lixo e o ar impregnado de odores desagradáveis, “ninguém quer ir ali” (DO2). E o sentimento de desesperança em relação ao ambiente físico da sala de aula

No exercício imaginativo, a citação à música Na Carreira (Edu Lobo e Chico Buarque, 1983) denota um sentimento de reverência e de responsabilidade em relação ao ofício de ensinar, pois a letra da canção diz: “*Mais um dia, mais uma cidade pra se apaixonar... Sentir que tatibitati que bate o coração.* Assim imagina que a sala de aula é como um palco onde o espetáculo tem que acontecer conforme previsto, independente das condições adversas que possam existir, e compara o docente com o artista, o ensino com a arte.

Dessas percepções sobre a sala de aula, resultou um mosaico de sentimentos que, junto com a materialidade específica feita da corporeidade das pessoas e dos artefatos compõem a atmosfera da organização, a qual pode ser associada com uma percepção de incompletude do processo de ensino-aprendizagem.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas desvelou que a configuração do espaço, iluminação, climatização, acústica, equipamentos e ergonomia das carteiras, bem como a estrutura de convivência da universidade suscitam sentimentos que interferem no processo de ensino e aprendizagem. As salas de aula foram apontadas como ruins, feias e desconfortáveis. Pelo sentido estético, essas percepções correspondem a categoria do feio, pois enfatiza tudo que é horrível, desagradável e repugnante na organização (STRATI, 2007). Estes elementos foram julgados pelo senso estético como algo que não está em harmonia com a ideia do que deveria ser a sala de aula, e por isso ela é considerada feia, ruim. Essa fealdade que torna o estudo penoso (em alusão à Eça de Queiroz), deve-se à relação dos humanos com os não humanos: a estrutura física da sala de aula, os equipamentos, a acústica, a iluminação, o mobiliário.

Os entrevistados citaram a estrutura e os espaços para permanência, sinalizando que os mesmos são tidos como importantes para o processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que tange ao desenvolvimento das atividades de estudos e pesquisa, pois a “aula faz parte”, e o fazer do doutorado não ocorre somente em sala de aula, mas envolve outros espaços. Contudo, atualmente esses locais são insuficientes, e não possibilitam uma convivência entre os alunos e professores, e isso é percebido como uma sensação de privação. Esses sentimentos denotam a ausência do gracioso, categoria estética que diz respeito à qualidade da vida organizacional, e está mais próxima da categoria estética do

feito, porque a situação atual causa vergonha, irritação, distanciamento: percepções de um critério de valor do que é desagradável.

Os sentimentos desvelados sobre a estrutura das salas são distintos dos sentimentos que definem o exercício da docência, pois estes foram demonstrados de maneira positiva, denotando satisfação em ser professor, em ministrar aulas na pós-graduação. Esses bons sentimentos remetem a categoria estética do belo, e ainda a categoria estética do sublime, pois esta categoria diz respeito ao *pathos* do sentimento estético, e portanto, refere-se a alegria que distingue as pessoas na organização. Assim, conquanto há um descontentamento com a estrutura, alguns docentes buscam superar essas limitações do ambiente físico utilizando salas que não são as destinadas à pós-graduação, porém, isso exige “girar” pelo Centro Socioeconômico, o que significa que a turma, a cada dia pode ter aula em uma sala diferente.

Indagamos como seria a sala de aula ideal, e os entrevistados revelaram que esta é um lugar com boa iluminação e climatização, com paredes claras, mas, fundamentalmente que favoreça a interação. A configuração circular do espaço da sala de aula foi a forma mais citada nas entrevistas, indicando que a interação e participação é muito importante nesse contexto. Contudo, essa sala ideal não necessita de sofisticação, mas sim conforto e funcionalidade dos equipamentos. Como na visão simbólica de um docente: “como uma toalha de mesa, de tecido simples, branca” (DO1). Essa metáfora remete a um ambiente claro, com os equipamentos e mobiliário bem organizados, e que transmite serenidade, e proporciona bem-estar.

Essa idealização da sala de aula pelos docentes e discentes leva a entender que aquela imagem de sala de aula tradicional não corresponde com que se espera para as aulas da pós-graduação, porque nesse nível de ensino é preciso possibilitar a interação, como preconizada na abordagem interacionista, em uma perspectiva dialógica. Para tanto, a sala de aula deve atender a essas demandas, o que exige um espaço diferenciado, capaz de dar mobilidade para os diferentes arranjos, seja circular ou com formação de pequenos grupos. Essa sala idealizada não mais corresponde com a sala do século XIX: sala retangular e alunos enfileirados. É uma sala mais flexível, mais horizontalizada, sobretudo confortável.

Nas análises efetuadas relacionadas à experiência estética no contexto das práticas sociais que ocorrem na sala de aula, considerando o processo de ensino-aprendizagem, foi possível perceber a manifestação das categorias estéticas relacionadas ao gracioso, ao sublime e o feio. A diversidade de percepções e signos desvelados nas entrevistas demonstraram que há um descontentamento e desconforto que interferem efetivamente no processo de ensino-aprendizagem: a sala é áspera, rugosa, tem cheiro de mofo, o som dela é ruim, é fria como azulejo ou como uma barra de gelo, é inóspita. Tem cara de quarta-feira de cinzas em Salvador! Dessas percepções sobre a sala de aula, resulta um mosaico de sentimentos que pode ser associado com uma percepção, por parte dos

sujeitos investigados, de incompletude do processo de ensino aprendizagem.

Todavia, neste espaço também se manifesta o sentimento de realização e de responsabilidade com o ofício de ensinar, e como comparado por um docente, a sala de aula assemelha-se a um palco, onde o espetáculo tem que ser apresentado conforme o previsto, independente das condições adversas que venham a ocorrer, e por isso, o professor enxerga-se como um artista. Deste modo, podemos confirmar a corporeidade do conhecimento e das interações das pessoas, e a fisicalidade dos objetos não humanos, quanto a imaterialidade de fantasiar metáforas organizacionais, o docente como artista e o ambiente da sala de aula organizado, limpo e alvo, como uma toalha de mesa, e sentimentos estéticos sobre abstrações teóricas.

O processo de desvelar e identificar essas percepções e sentimentos suscitados pelo lócus “sala de aula”, demonstra a validade da lente da abordagem estética. Entende-se que a discussão dessas questões possa contribuir para compreensão dessa abordagem enquanto referencial para processos investigativos no campo dos estudos organizacionais, possibilitando dessa forma, a explicitação de um conhecimento até então não desvelado pela racionalidade instrumental.

Como linhas futuras de estudo, sugere-se a ampliação do conjunto de sujeitos investigados, de modo a verificar as similaridades e/ou divergências quanto aos resultados, bem como a identificação de outros aspectos ora considerados.

REFERÊNCIAS

ARRIADA, Eduardo; NOGUEIRA, Gabriela M.; VAHL; Mônica Maciel. A sala de aula no século XIX: disciplina, controle, organização. In.: **Conjectura**, v. 17, n. 2, p. 37-54, maio/ago. 2012. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura>> Acesso em 20 maio 2017.

GHERARDI, Sílvia. Conhecimento situado e a ação situada: o que os estudos baseados em prática prometem? In: GHERARDI, Sílvia; STRATI, Antonio. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B.; et al. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LIMA, Valéria Vernaschi. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 21, n. 61, p. 421-434, Jun 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 14 Jun. 2017.

LOBO, Edu; BUARQUE, Chico. Na carreira. In: **O Grande Circo Místico**. Som Livre, 1983. LP

NEVES, Rita de Araujo; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **UNRevista, São Leopoldo**, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2006. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/Educadores/Artigos>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

PALANGANA, I.C. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygostky: a relevância social. 5.ed. São Paulo: Summus, 2001.

QUEIROZ, Eça de. **Uma campanha alegre: das farpas**. Lisboa: Companhia Nacional, 1891. v.2. Disponível em <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/518768>>. Acesso em 10 maio 2017.

STRATI, Antonio. Saber na prática: compreensão estética e conhecimento tácito. In: GHERARDI, Silvia; STRATI, Antonio. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014a. Capítulo 2.

_____. Estética no estudo da vida organizacional. In: GHERARDI, Silvia; STRATI, Antonio. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014b. Capítulo 6.

_____. STRATI. Aesthetic Understanding of Work and Organizational Life: Approaches and Research Developments. **Sociology Compass**, v.4, n. 10, 2010, p. 880-893. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com>>. Acesso em 10/06/2107.

_____. **Organização e estética**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.